

A mesma liturgia, mas com os banqueiros preocupados

ROBERT APPY
Enviado especial

WASHINGTON — Exatamente às 10 horas abriu-se ontem no Sheraton a 42ª Assembléia Anual do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, diante de assistência de cerca de 4 mil pessoas, delegados de 151 países-membros, representantes de organismos internacionais e numerosos banqueiros, que para ouvir o presidente Ronald Reagan, se fizeram acompanhar de suas esposas que, assim, estão dando certo colorido a uma sessão que se quer solene.

A liturgia da assembléia anual não sofreu modificações. Apenas aumentou o número de participantes, a partir dos anos 70, quando os banqueiros decidiram participar em grande escala do desenvolvimento do Terceiro Mundo. Os mesmos banqueiros estiveram presentes a essa sessão inaugural: mudou apenas a fisionomia de nossos financistas.

Como eram felizes em Nairobi (Quênia), em setembro de 1973, à véspera do primeiro choque petrolífero. Hoje a preocupação está aparecendo em todos. No passado freqüentavam os corredores para saber qual negócio o concorrente havia fechado, com o Brasil ou o próspero México. Agora, estão tentando saber a reação dos outros bancos diante de novas fórmulas de renegociação que os governos acham interessantes, sem ter consultado os interessados diretos.

Para os delegados que participam da assembléia anual — na qual durante três dias serão pronunciados discursos (que somente o presidente da assembléia, este ano o ministro da Economia do Barhein, Ibrahim Abdul Karim, o presidente do Banco Mundial e o diretor-gerente do FMI terão obrigação de ouvir) — será uma oportunidade para expor seus pontos de vista. E o otimismo é inversamente proporcional à renda per capita. Assim justificarão os gastos ele-

vados de uma estada em Washington...

Vestindo um elegante terno marrom, o mesmo que usou no ano passado, o presidente dos Estados Unidos abriu a sessão inaugural da assembléia anual. Seu discurso, acompanhado por uma platéia atenta, seguiu o esquema dos anos anteriores: exaltação do liberalismo, condenação firme do protecionismo, que lhe valeu ser interrompido quando declarou que qualquer legislação protecionista que chegar à sua mesa será vetada.

Defendeu as teses norte-americanas, e mais uma vez denunciou os subsídios agrícolas, que nos países da Europa Ocidental deram um pulo nos últimos anos, passando de US\$ 15 bilhões em 1970 para US\$ 100 bilhões em 1986. Sobre a estratégia da dívida um aviso claro: "Os que escolhem seguir os falsos profetas para viver na ilusão em lugar de procurar uma solução terão de arcar com as conseqüências de suas ações". Cabe a nosso governo examinar se o Brasil foi visado nessa afirmação.

O diretor do FMI, Michel Camdessus, no seu discurso, tratou de três temas essenciais: a situação econômica mundial, o problema da dívida externa, o papel do FMI. A delegação brasileira não podia ficar decepcionada, pois existe nesse discurso uma vontade firme de revisão. Quanto à situação mundial, Michel Camdessus recusa compartilhar de um otimismo irresponsável.

Ao examinar a responsabilidade do FMI, Michel Camdessus deu um grande passo à frente, ao reconhecer que se a condicionalidade no organismo que dirige deve ser mantida, ela ganharia mais eficácia se o número de exigências fosse menor e considerasse um prazo maior para cumpri-las. Para quem acompanha o FMI há alguns anos, isso já representa uma revolução.